

Não há mais idealismo, projetos ou sonhos, apenas o prazer. Pois Paulo aborda o prazer nesse versículo. No entanto, não se trata do prazer da hipermodernidade, mas, sim, de algo que independe das circunstâncias. O homem imbuído desse prazer não é impulsionado pelas situações exteriores para estar feliz, exultante, desfrutando de um gozo inefável e cheio de glória. É um homem que pode fechar a cortina da vida afirmando como Paulo em 2Timóteo 4.7,8: Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda. Após exprimir tal confiança, ele começa a relatar as experiências que enfrentou: abandono, perseguição, ingratidão, incompreensão. No entanto, completa: Deus me livrou e me assistiu nisso tudo; agora que estou partindo, que Deus seja glorificado pela minha vida (2Tm 4.9-18).

É maravilhoso saber que a nossa alegria não depende de coisas. Muitos têm tanto e não são felizes. Quando perdem seus bens, sua reação é o desespero. Paulo declara que não depende de coisas, mas tem gozo e prazer em Deus. Foi capaz de atestar que, mesmo ao passar por todo tipo de luta e aflição por amor a Jesus, aprendeu a viver contente em toda e qualquer situação (Fp 4.11). A nossa alegria não está no que nos acontece, mas em como reagimos ao que nos acontece; não no que as pessoas nos fazem, mas no que fazemos com o que as pessoas nos fazem. Jim Elliot, missionário e mártir do cristianismo, afirmou: “Não é tolo perder o que não se pode reter para ganhar o que não se pode perder”. Você pode perder bens, mas está retendo aquilo que não se perde. Está conservando uma herança bendita, imarcescível e gloriosa.

Em décimo lugar, quando chegamos ao fim das nossas forças, ainda assim Deus nos capacita a viver vitoriosamente (2Co 12.10b). No final do versículo 10, lemos que Deus ensinou a Paulo uma gloriosa verdade: é que a força emana da fraqueza. O apóstolo escreveu: Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte. Este é o grande paradoxo do cristianismo. A força que sabe que é forte é, na verdade, fraqueza, mas a fraqueza que sabe que é fraca é, na verdade, força. O poder de Deus revela-se nos fracos. Não caminhamos pela vida estribados no frágil bordão da autoconfiança. Caminhamos pela força do Onipotente. Nossa fraqueza aliada à onipotência do Deus Todo-poderoso nos capacita a viver